

A chamada “maquiagem sagrada” e a cosmetologia no Kemet

Por Érica Larusa

Algumas mulheres (principalmente empresárias,) estão utilizando um conceito que chamam de “maquiagem sagrada”. Para essas mulheres, a “maquiagem sagrada” é um instrumento de poder feminino, que pode atrair fortuna, sorte e amor. Segundo elas a maquiagem sagrada tem origem principalmente no Kemet (Egito Antigo), colocam Cleópatra como grande símbolo da utilização desta maquiagem. Porém, reduzir a utilização das substâncias desenvolvidas pelo povo Kemet somente para fins estéticos, ou com finalidade de atrair amor, fortuna e sorte é uma simplificação típica da civilização europeia, destoando da Ciência Espiritual Africana: baseada no princípio da inter-relação cósmica, sacralização da natureza e na dimensão espiritual do ser humano. Nossa atual compreensão de saúde, doença e beleza está fundamentada principalmente em como a civilização europeia percebe a Natureza e produz conhecimento a partir dela.

Há milhares de anos africanas e africanos utilizam plantas, mel, argila, leites, farelos, manteigas, óleos perfumados, essências, gorduras animais e substâncias sintetizadas para cura / saúde / beleza. Muitos destes produtos que são ainda hoje utilizados pela indústria de cosméticos, são verdadeiras apropriações de tecnologias e saberes produzidos pelos povos africanos.

Da mesma forma que inúmeras esculturas, armas africanas e diversos artefatos foram usurpadas e encontram-se em museus europeus, 52 amostras de caixas cosméticas da civilização Kemet, encontram-se no Museu do Louvre em Paris, estas amostras estão em caixas feitas de alabastro, hematita, mármore, cerâmica ou madeira e são ainda hoje estudadas por químicos. Foram realizadas diversas análises químicas e físicas utilizando equipamentos modernos, nas substâncias que são de 2.000 e 1.200 a.C. e ainda estão preservadas em suas caixas originais.

Os pesquisadores franceses, reproduziram o método utilizado pelo povo Kemet. Verificou-se que os materiais foram produzidos a partir de minerais naturais, por meio da técnica chamada atualmente pela química ocidental de

síntese inorgânica. Ao reproduzirem o método dos cientistas Kemetius, os químicos constataram que o processo de produção destes materiais é lento, inclui operações repetitivas e ajustes de pH (acidez).

As análises da “maquiagem de Cleópatra”, ou melhor a maquiagem utilizadas pelo povo Kemet mostram que este povo africano já manipulava pigmentos das cores branca, vermelha, amarela, azul, verde e preta que datam de cerca de 2500 a.C., embora a paleta de cores utilizada era amplamente colorida, o preto e o verde foram as mais utilizadas. Os Kemetius misturavam os materiais sintetizados com minerais e compostos orgânicos em variadas proporções, o que permitiu que os cientistas do Kemet produzissem uma gama de cosméticos com diversas cores e texturas para fins específicos.

Algumas inscrições Kemet (chamadas de Papiros egípcios) descrevem a utilização de inúmeras substâncias medicamentosas, os Livros Médicos de Imhotep (chamados de papiros de Ebers), por exemplo, registraram as prescrições de remédios para várias doenças, inclusive para problemas oculares. Durante as inundações do Nilo, os habitantes do Kemet sofriam de numerosas doenças oculares e inflamações como conjuntivite bacteriana. As prescrições nos livros de Imhotep, indicam a utilização destes pigmentos nos olhos para prevenir ou curar tais bactérias. Estas informações estão muito bem documentadas em diversos artigos científicos de egiptólogos. Então a “maquiagem sagrada” utilizada por Cleópatra, na verdade funcionava como “colírios” para tratar problemas das pálpebras, íris e córnea.

O fato curioso é que no produto final aplicado nos olhos, há a presença do metal chumbo (considerado tóxico pela química moderna) em concentrações muito baixas. Contudo, os pesquisadores franceses que analisaram os produtos contidos nas caixas cosméticas, levantaram a hipótese de que quando aplicado em baixas concentrações, o chumbo poderia atuar estimulando processos imunológicos. A respeito da toxicidade do chumbo, de acordo com a literatura disponível, está descrito que esta pode diminuir por fatores endógenos (da própria natureza da pessoa) ou pela dieta utilizada por quem tem contato com este metal. O fato é que os Kemetius utilizaram estes produtos por aproximadamente 800 anos para fins terapêuticos. Estes fatores devem ser investigados cuidadosamente, porém algumas reflexões podem ser colocadas aqui: será que os Kemetius utilizaram estes materiais por oito séculos e

desconheciam sua toxicidade? Ou fatores endógenos aos Kemetius e/ou sua alimentação diminuíam a toxicidade deste metal, a ponto de o mesmo em baixa concentração equilibrar o sistema imunológico e não permitir infecções oculares?

Porém é importante colocar aqui que existia uma enorme preocupação com a estética e a harmonia dos traços pintados na aplicação desses produtos. Pois de acordo com alguns especialistas em maquiagem, a maquiagem Kemet era refinada nas formas, com traços ou sombreamentos, e no brilho, com substâncias opacas ou cintilantes, não a toa, é utilizada ainda hoje como referência entre os principais livros que tratam do tema.

Nas tradições intelectuais dos povos africanos, um eu cósmico deve ser integral, nesse sentido, a doença e a cura se processam na matéria, mas também se manifesta nos planos emocional e racional do ser humano, na comunidade e em todo o Universo. A utilização de substâncias apenas para o embelezamento, sem uma finalidade terapêutica não tem consonância com os sistemas científico / espiritual das civilizações africanas. A linguagem simbólica da maquiagem Kemet remetia a divindades desta civilização, ligados a imagem, a renovação e ao aumento da acuidade visual.

Muitas questões a respeito dos conhecimentos deste povo ainda precisam vir a tona, porém é necessário que sejam investigadas a partir dos paradigmas da ciência africana, pois dessa forma, podem surgir inúmeros elementos e pistas de como este povo vivia, produzia conhecimento e se relacionava com a Natureza.